

LETRAS DA ILHA

TIPOS E LANGANHOS DE ITAMARACÁ

Recife, 2023.



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

LETRAS DA ILHA

TIPOS E LANGANHOS DE ITAMARACÁ

Liliane Laís Santos do Nascimento

Orientado por Solange Coutinho
e Coorientado por Luciana Calheiros

Projeto de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Pernambuco como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel no
Programa de Graduação em Design

Recife, setembro de 2023.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Liliâne Laís Santos do.

Letras da Ilha - tipos e langanhos de Itamaracá / Liliâne Laís Santos do
Nascimento. - Recife, 2023.

78 : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Coorientador(a): Luciana Calheiros

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Design. 2. Tipografia. 3. Memória Gráfica. 4. Tipografia Vernacular. 5.
Design Vernacular. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação). II. Calheiros,
Luciana. (Coorientação). IV. Título.

760 CDD (22.ed.)

*Aos mestres pintores letristas, jangadeiros,
pescadores, ilhéus e a todos aqueles que, com sua
arte e suas cores, enriquecem ainda mais a beleza
das águas das praias da Ilha de Itamaracá.*



Agradecimentos

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão à minha maravilhosa mãe, Dorinha. Obrigada por sempre estar perto, mesmo que de longe e por todo apoio e amor incondicional.

Agradeço ao meu companheiro, Ytallo Barreto, por todo incentivo, desde o início, e por mergulhar nessa jornada ao meu lado. Obrigada pelas inúmeras conversas, pelas cervejas compartilhadas e por acreditar em mim.

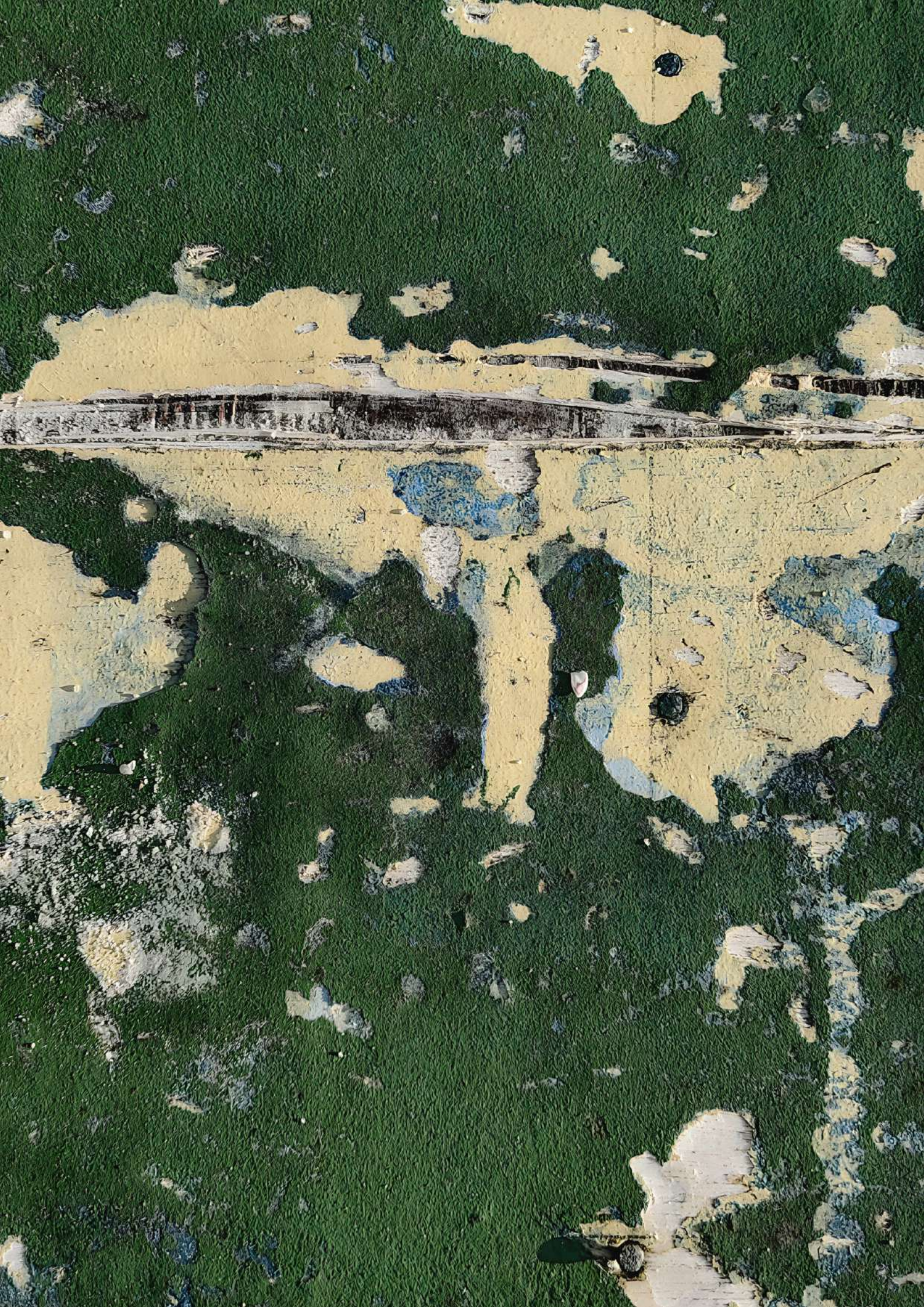
Agradeço a Tuca, o pintor letrista mais incrível da Ilha e com quem pude aprender tanta coisa.

Agradeço aos meus amigos Aline Costa, Artur Santiago e Hannah Fernandes, por acreditarem em mim e pelas inúmeras vezes em que me disseram “vai dar certo”. Obrigada!

Agradeço imensamente à minha incrível orientadora, a professora Solange Coutinho, que esteve comigo durante todo o processo, me apoiou em todos os momentos e acreditou em mim e nesta pesquisa. Obrigada por tudo, Sol! Você é inspiração.

Agradeço à minha co-orientadora, Luciana Calheiros, por acreditar neste trabalho e por todos os ensinamentos e referências compartilhadas. Obrigada, Lu.

Por fim, agradeço a Beto Hees, ao Centro Cultural Estrela de Lia, a Colônia de Pescadores Z11, a maravilhosa pintora letrista Dilza, a Jarbas, Preguinho, aos pescadores, jangadeiros e todas as pessoas que cruzaram meu caminho e compartilharam comigo enquanto desenvolvia essa pesquisa. Obrigada por tanto.





SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11	4.2. AS BUSCADAS	38
1.1. MOTIVAÇÃO	11	4.3. AS EMBARCAÇÕES, LETRAS E LANGANHOS	44
1.2. JUSTIFICATIVA	13	5. CONSTRUINDO O LIVRO	50
1.3. OBJETIVOS	14	5.1. PROJETO GRÁFICO	52
2. METODOLOGIA	15	5.2. CONCEITO EDITORIAL	54
3. ZII	17	6. O LIVRO LETRAS DA ILHA - TIPOS E LANGANHOS DE ITAMARACÁ	59
3.1 A ILHA	17	7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
3.2. A COLÔNIA	19	REFERÊNCIAS	73
4. A PESQUISA	20	APÊNDICE	74
4.1. OS PINTORES	26		



1. Introdução

1.1 Motivações

A motivação para o desenvolvimento deste projeto se deu a partir de alguns caminhos. Um deles foi o interesse pela área de tipografia e editorial, que me tocou desde os primeiros dias da graduação, o que possibilitou ter contato, inicialmente através de aulas com o Professor Hans Waechter, à importantes referências e trabalhos no campo da memória gráfica popular, cito aqui o projeto *Abridores de Letras de Pernambuco: Um Mapeamento da Gráfica Popular*, dos autores Fátima Finizola, Solange Coutinho e Damião Santana, que foi fonte de muita inspiração.

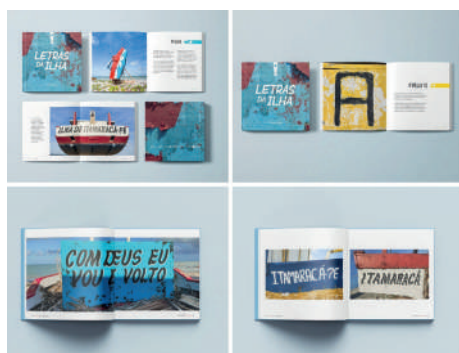
Outro caminho foi construído a partir de memórias e vivências pessoais. Desde a infância, recordo de sempre voltar à atenção para as diversas e coloridas placas informativas que via na feira livre da cidade onde cresci, Gravatá, local onde ia todos os sábados acompanhando a minha avó.

No decorrer da graduação, pude entender melhor como essas manifestações informais de design compõem o tecido de nossa paisagem visual urbana.

Em 2020 fui morar na Ilha de Itamaracá, e nessa condição, pude viver o cotidiano da ilha. Assim, logo me encantei com as diversas embarcações, letras, cores e texturas que se espalham pelas areias da praia. Para além dessa vivência diária, desde 2021 integro a equipe do Centro Cultural Estrela de Lia e da Embaixada da Ciranda Lia de Itamaracá, onde atuo como designer e produtora cultural, o que me proporcionou uma rica vivência com Lia, com a ciranda e com o universo que a cerca.

As embarcações são uma importante parte da paisagem da Ilha, suas cores e letras estão presentes por toda a praia e são guardiãs das tradições culturais locais.

Ao notar a escassez de material sobre o tema e a importância do mesmo como expressão cultural da região, em 2020 dei início ao projeto de pesquisa Letras da Ilha, dedicado a registrar a produção gráfica popular da ilha, tendo como recorte os letreiros presentes em suas tradicionais embarcações. Fomentado através da Lei Aldir Blanc 2020 (LAB/PE), a pesquisa foi realizada ao longo de três meses, período em que as praias da Ilha se tornaram um laboratório visual, e onde pude conhecer o principal pintor letrista da cidade, Natanael Pires, conhecido como Tuca Pintor, que se tornou um grande amigo e parceiro deste projeto.



1: Mockup de catálogo digital, produzido em 2021. Autoria própria.

Como resultado dessa pesquisa, foi criado o site www.letrasdailha.com.br e do catálogo digital Letras da Ilha¹, disponível para download no site citado.

Este livro é um convite às águas, cores e letras da Ilha.

1.2 Justificativa

O seguinte projeto propõe uma pesquisa visual sobre tipografia vernacular, tendo como objeto de estudo os letrados, langanços, embarcações e os pintores letrados da Ilha de Itamaracá.

No âmbito do design, de acordo com Finizola (2010, p. 34) “a utilização do termo vernacular é empregada para definir aqueles artefatos autênticos da cultura de determinado local, geralmente produzidos à margem do design oficial”.

O presente projeto se justifica, primeiro, pela ausência de registros da gráfica vernacular presente na Ilha e em suas embarcações, seguido da necessidade de registrar, valorizar e voltar o olhar para a produção gráfica popular da região, que mantém suas tradições e resiste em meio a um cenário cada vez mais visualmente padronizado.

Com o avanço das tecnologias, há o constante apagamento do fazer original e tradicional de diferentes povos, culturas e lugares. Assim, se faz necessário e importante o registro de trabalhos como os desses pintores letrados, que tornam as embarcações e suas letras um importante elemento para a memória gráfica do local, e que diante das diversas mudanças que acompanham a sociedade, temem que o ofício desapareça na ilha em um futuro próximo.

1.3 Objetivos

OBJETIVO GERAL

Desenvolver um projeto editorial para a publicação de um livro a partir da expansão da pesquisa pré-existente sobre os letristas da Ilha de Itamaracá.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender o contexto e motivações das manifestações gráficas nas embarcações, por meio da história da Ilha e suas buscas;
2. Ampliar o entendimento acerca da atividade dos pintores letristas, suas motivações e processo de produção no local onde estão inseridos;
3. Aprofundar os conhecimentos acerca de projeto editorial e gráfico, de forma a desenvolver o projeto do livro, como o resultado da pesquisa realizada.

Para atingir os objetivos específicos, alguns objetivos operacionais correlacionados foram necessários.

OBJETIVOS OPERACIONAIS

- 1a. Participar das buscas, de forma a compreender o fenômeno e a participação das pessoas;
- 1b. Documentar as buscas por meio de fotografia;
- 2a. Identificar e entrevistar outros letristas da Ilha;
- 2b. Documentar, por meio de fotografia, os variados letreiros e sua relação com o local no qual encontram-se inseridos;
- 2c. Entender o processo criativo e as ferramentas utilizadas pelos letristas;
- 3a. Conceber o conceito editorial do livro;
- 3b. Catalogar e selecionar as fotografias documentadas ao longo da pesquisa;
- 3c. Desenvolver o projeto gráfico do livro.

2. Metodologia

A construção de um livro perpassa diversos caminhos. Por ser uma pesquisa que já estava em andamento, como mencionado anteriormente, quando decidi que faria um livro, já conseguia ter em mente as diversas possibilidades visuais desse projeto. No entanto, entender como seria sua construção foi, de certa forma, um desafio. Que história será contada? Qual o seu ponto de partida?

Assim, o desenvolvimento do projeto aconteceu de forma simultânea. Esta é uma pesquisa projetual, todavia, é também uma pesquisa abrangente de conteúdo, que engloba: revisão de literatura, pesquisa em acervos, pesquisa de campo, entrevistas semiestruturadas, documentação por meio de fotografia e vídeo, análise de material coletado, pesquisa de similares, definição conceitual da proposta editorial, curadoria e desenvolvimento de projeto gráfico do livro.

Para o embasamento teórico do projeto, foi realizada uma revisão da literatura e de outros trabalhos existentes acerca do tema, cito aqui os livros: *Tipografia Vernacular Urbana: Uma Análise dos Letreiramentos Populares* de Fátima Finizola, *Abridores de Letras de Pernambuco: um Mapeamento da Gráfica Popular* de Fátima Finizola, Solange Coutinho e Damião Santana, *Dez Ensaios Sobre Memória Gráfica*, de Priscila Farias e Marcos da Costa Braga; *Letras que Flutuam* de Fernanda Martins, *Pensar Com Tipos: Guia para designers, escritores, editores e estudantes*, de Ellen Lupton.



*Exemplo de metodologia utilizada.
Desenho da autora.*

3. ZII

3.1 A Ilha

Situada ao longo do litoral norte de Pernambuco, a Ilha de Itamaracá fica a 48 quilômetros da capital pernambucana, Recife, e faz parte de sua região metropolitana (RMR). A ilha se encontra separada do continente pelo canal de Santa Cruz, e conecta-se ao município de Itapissuma por meio da Ponte Getúlio Vargas, inaugurada em 1939.

A Ilha de Itamaracá teve grande importância histórica no processo de invasão e colonização do Brasil pelos portugueses, foi uma das quinze capitanias originais, de 1534 a 1763, ano em que foi incorporada à Capitania de Pernambuco. Em seu território está o Forte Orange, cuja construção começou em 1630 pelas forças neerlandesas que ocupavam a ilha e foi posteriormente tomado pelos portugueses em 1654, renomeando-o como Fortaleza de Santa Cruz, dando início a uma série de mudanças arquitetônicas. Ao longo dos anos, a fortaleza passou por várias restaurações e, em 1938, foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Atualmente, é o principal ponto turístico da ilha.²

A Ilha de Itamaracá é famosa por suas praias, sua história e por seus fortes aspectos culturais, recebendo um grande número de veranistas e turistas durante a alta temporada de verão, impulsionando a economia local, que é centrada principalmente na pesca artesanal e no turismo.

2: (IPHAN, Programa Monumenta. (2010). Encarte Rotas do Patrimônio: Uma viagem através da história).



3: Exemplo de construção de caiçara.
Fotografia de autoria própria.

Na Ilha, a pesca artesanal e suas tradições perpassam gerações de diversas famílias, e é comum encontrar em alguns pontos da praia as tradicionais caiçaras³, que são pequenas casas, geralmente construídas com madeira e por vezes pintadas em cores vivas, utilizadas por pescadores para guardar materiais de pesca e, às vezes, para moradia.

A Ilha de Itamaracá também se consagrou como a terra da ciranda, transformando-se em um forte ponto de cultura no estado. Lar da rainha da ciranda Lia de Itamaracá, a ilha já serviu de cenário e inspiração para inúmeras composições musicais, desempenhando um papel significativo na memória popular de Pernambuco.

À beira das praias, a presença de embarcações de diferentes cores, tamanhos e formas, dentro ou fora d'água, navegam as tradições identitárias da ilha e colore o cenário tropical.

3.2 A Colônia

Ilha de Itamaracá - Z11 é a frase que deve estar escrita em todo barco vinculado à Colônia de Pescadores Z11⁴. A Colônia representa um dos principais pontos de encontro e comércio para os pescadores da região. Localizada no bairro do Pilar, próxima à praça principal, na rua da Colônia, pescadores, vendedores, turistas e ilhéus se misturam em meio às placas informativas e aos pescados do dia.

A primeira sede da Colônia, fundada em 1950, foi construída em madeira como uma típica caçara. Com o decorrer do tempo e o desenvolvimento do município, melhorias significativas foram feitas no prédio, que deixou de ser de madeira e passou a ser de alvenaria. Em 2010, foi construída a sede atual da colônia de pescadores, que recentemente passou por reforma. Contudo, a história da Colônia começa muito antes de sua fundação institucional, sendo o local de sua construção, desde sempre, um ponto de partida e chegada dos pescadores.

A colônia e as peixarias funcionam durante todo o ano, mas é nos meses de alta temporada que o movimento de venda é intensificado. É comum observar diariamente a chegada de barcos carregados de peixes, o que possibilita a compra de pescados frescos a preços populares.



4: Prédio da Colônia de Pescadores Z11.

Fotografia de autoria própria.

4. A Pesquisa

Como mencionado, este projeto é a expansão e o aprofundamento de uma pesquisa já existente. Iniciada em 2020, a pesquisa teve início ao perceber a ausência de registros da gráfica vernacular da Ilha e de suas embarcações, criando assim o projeto Letras da Ilha, dedicado a registrar a produção gráfica popular da ilha, tendo como recorte os letreiros presentes em suas tradicionais embarcações.

O início do projeto foi fomentado pela lei emergencial de apoio à cultura, Lei Aldir Blanc 2020 (LAB/PE), a pesquisa foi realizada ao longo de três meses, período em que foi possível registrar por meio de fotografia e vídeo diversas embarcações e letreiros e entrevistar e acompanhar o principal pintor letrista da região, Natanael Pires, conhecido como Tuca Pintor.

No entanto, no período da pesquisa, devido a pandemia global de covid-19 que resultou no cancelamento das chamadas festas de Buscada, que são procissões marítimas que acontecem todos os anos e são um importante ponto para manter viva a tradição de pintura de letreiros do barcos, houve grande dificuldade em contatar outros pintores. Assim, ao decidir dar continuidade a pesquisa como tema do meu trabalho de conclusão de curso, procurei expandir e aprofundar, buscando outros pintores e acompanhando as festas de Buscadas da região.

A pesquisa de campo teve como cenário a colônia de pescadores Z11, as praias de Jaguaribe, Quatro Cantos, Pilar, Baixa Verde, Vila Eldorado e Forte Orange e a área de divisa entre a Ilha de Itamaracá e a cidade de Itapissuma. Locais em que foi possível documentar diversas embarcações, e conversar com pescadores e pintores da região.

Foram realizadas diversas saídas em campo durante o final de 2022 e o ano de 2023, onde pude revisitar os pontos onde já havia passado no início da pesquisa e expandir essas áreas. Também foram realizadas pesquisas sobre o tema em acervos digitais e visita a acervo pessoal, cito aqui a Pinacoteca da Família Lopes na Ilha de Itamaracá, que possibilitou a consulta a fotografias antigas da Ilha e informações acerca da história das buscas, através de uma conversa com Junior Lopes, responsável pelo acervo da família.

Durante esse período consegui localizar, além de Tuca, outros cinco pintores letristas da região, Eugênio, Gabriel, Jonas, Preguinho e Dilza, contudo, tive dificuldade para conseguir entrevistar todos eles, devido ao tempo e disponibilidade dos mesmos, o que resultou em entrevistas realizadas com três pintores: Tuca, Preguinho e Dilza.

Com Tuca e Dilza, as entrevistas foram realizadas na praia, onde pude acompanhá-los na pintura de alguns letreiros. Essa etapa foi muito importante para entender melhor os seus processos e possibilitou bastante troca entre todos.

Já com Preguinho, a entrevista foi realizada em meio a uma rápida conversa, onde ele me contou que já não trabalha com letreiros há mais de uma década, mas que quando começou, aprendeu muito com Tuca, que teve um importante papel ao ensiná-lo as técnicas e processos para abrir um letreiro.

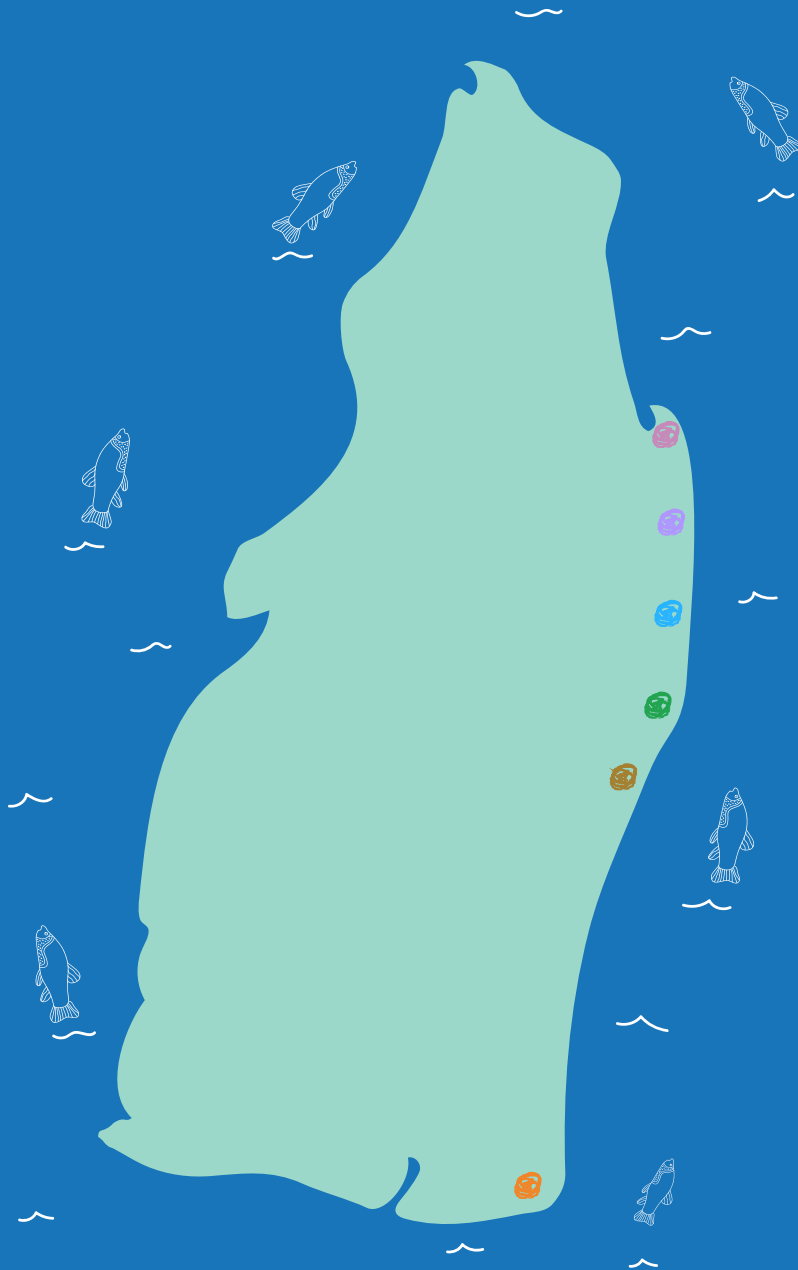
Desde o começo, o intuito era que as entrevistas se dessem como uma conversa, de forma que deixasse os artistas confortáveis para compartilhar seus processos e histórias. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, utilizando o método 'bola de neve'⁵, com tópicos que serviam como guia, como: identificação, histórico pessoal/processo de formação, processo criativo, prática profissional e, por último, sobre o fazer de langaninhos. O roteiro das entrevistas pode ser visto ao final do memórial, no apêndice 1.

5: Bola de neve, ou snowball é uma técnica de amostragem utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto.

ILHA DE ITAMARACÁ

MAPA DE PERCURSO DE PESQUISA

*desenho de mapa adaptado a partir
do google maps.*



Praia de Jaguaribe



Praia dos Quatro Cantos



Praia do Pilar



Praia da Baixa Verde



Praia da Vila Eldorado



Praia do Forte Orange





18, Barcaça pronta para seguir viagem para Redife. Único meio de transporte. v/família na praia. Despedida.

2 Pto da rua da praia, atual José de Moraes, tirado em frente ao atual Hotel Caravela e em frente uma rua que existia à lste da Colônia de Pescadores.



Registros de fotografias datadas do início do século XX, do acervo da Pinacoteca da Família Lopes, na Ilha de Itamaracá. Registros da autora.



*Acompanhando a pintura de um
leteiro de barco dentro d'água.
Registro feito na praia do Pilar,
em 2021.
Fotografia de Ytallo Barreto.*



*Acompanhando a pintura de um
leteiro de barco dentro d'água.
Registro feito na praia da Vila
Eldorado, em 2023.
Fotografia de Ytallo Barreto.*

4.1 Os Pintores

Tuca

O primeiro pintor letrista entrevistado foi Natanael Pires, de 60 anos, conhecido como Tuca Pintor. Tuca é o pintor e o abridor de letreiros mais popular da Ilha de Itamaracá. Quando comecei a perguntar sobre quem pintava barcos na ilha, o nome de Tuca surgiu diversas vezes, quase sempre seguido da afirmação “ele pinta até de cabeça para baixo!”.



Tuca.
Fotografia de Ytallo Barreto.

Pintor há mais de 40 anos, Tuca é uma referência como letrista na região. Sem formação na área, Tuca aprendeu a pintar por conta própria e trabalha como pintor desde os 16 anos.

O processo de entrevista com Tuca ocorreu em diferentes espaços de tempo, desde 2021, quando o entrevistei pela primeira vez, nos encontramos e conversamos diversas outras vezes.

Tuca é famoso por sua habilidade de pintar embarcações dentro d'água, fazendo todo o processo de cabeça para baixo. Em nosso primeiro contato, em 2021, foi possível acompanhar esse processo de perto pela primeira vez.

Lembro de encontrar Tuca pela manhã na Colônia CZ11, carregando suas tintas e pincéis numa pequena bolsa, ele apontou de longe a embarcação que seria pintada e se lançou ao mar, nadando até o barco ancorado. Enquanto se inclinava sobre a proa da embarcação para fazer as marcações do letreiro, Tuca compartilhou que, ao longo dos anos, adquiriu a habilidade de dançar em sintonia com os movimentos do barco, seguindo o ritmo das ondas do mar enquanto trabalha.

Tuca tem grande influência nos letreiros desenvolvidos na ilha. É responsável pela criação das chamadas letras *balanceadas*⁶, denominação que foi dada pois o desenho dos caracteres possui linhas curvas, que remetem ao balanço do mar.



6: Exemplo de letra balanceada, desenhada por Tuca.



7: Langanhos são como os pintores da ilha denominam os elementos decorativos que acompanham os letreiros nas embarcações.
Pintura feita por Tuca.

Na ilha, os *langanhos*⁷, que são um tipo de desenho que acompanha o nome da embarcação, também são uma criação de Tuca, que foi o responsável por incluir esses elementos gráficos na estética das embarcações. As suas letras balanceadas e seus langanhos logo popularizaram-se e passaram a ser feitos por outros pintores.

Na ilha as suas letras podem ser vistas em placas, fachadas, estabelecimentos, nos famosos bandeirões da buscada, em velas, jangadas, baiteiras e barcos por toda a praia.

Próximas páginas:
Imagens de Tuca registradas
na praia da Vila Eldourado,
em diferentes ocasiões.
Fotografias de Ytallo Barreto.







Preguinho

A partir de Tuca, conheci José Marques, de 48 anos, conhecido como Preguinho, o segundo pintor letrista entrevistado. Preguinho trabalhou como pintor entre os anos de 1990 a 2000. Com formação em serigrafia, pintava letreiros em diversos suportes, como placas, fachadas, camisas, barcos, jangadas, velas e bandeirões. Preguinho afirmou que nos anos em que trabalhou como pintor Tuca foi uma grande referência, compartilhando técnicas de pintura e aprendizados. Desde os anos 2000 Preguinho não atua mais como pintor letrista, e afirma que o número de artífices na ilha diminuiu consideravelmente.

A entrevista com Preguinho se deu através de gravação de áudio, impossibilitando a captação de imagens. O pintor não tinha materiais antigos que pudesse mostrar, e, por já não atuar na área, não foi possível aprofundar as informações acerca do seu processo de produção de letreiros. Todavia, assim como Tuca, ele indicou outros letristas da ilha, que foram contatados, mas que, infelizmente, não conseguiram participar da pesquisa.

Dilza

A terceira entrevistada foi Dilza Fernanda, de 53 anos. A única mulher que atua como pintora letrista que encontrei durante o percurso da pesquisa. Algo bastante revelante, considerando que, na literatura, há poucos registros de mulheres que atuam nesse ofício.



Imagem de Dilza registrada na praia da Vila Eldourado. Fotografia de Ytallo Barreto.

Dilza

Durante uma das saídas de campo, encontrei na praia alguns pescadores pintando suas embarcações, ao questioná-los sobre quem seria responsável pelos letreiros, eles falaram sobre Dilza e me indicaram o local onde ela morava. Guiada por essas informações, dirigi-me à sua casa, onde me apresentei e falei sobre minha pesquisa. De forma bastante gentil, Dilza contou um pouco de sua trajetória e juntas, marcamos uma data para nos encontrarmos e, assim, acompanhar de perto o seu processo de pintura dos letreiros.

Dilza trabalha com pintura desde os 16 anos, iniciou trabalhando em campanhas eleitorais. Assim como Tuca, Dilza aprendeu a pintar por conta própria. Morou em Salvador por um tempo, onde começou a estudar tatuagem e atuava em uma associação artística, mas retornou à ilha após alguns anos e seguiu trabalhando com pintura. Além de letreiros, Dilza também pinta paisagens e desenhos infantis, e diz que sonha em dar aulas de pintura para as crianças da ilha. Por ser a única mulher da região que trabalha como pintora letrista, Dilza é bastante conhecida pela população onde vive.

Assim como ocorreu com Tuca, a entrevista com Dilza se deu enquanto acompanhamos um dia de seu trabalho. Dilza nos disse que estava pintando seus últimos barcos, pois por limitações de saúde, já não pode trabalhar com letreiros em embarcações, devido a grande exposição ao sol que a atividade demanda.

Esse foi um momento importante para moldar este projeto, onde pude documentar a pintura de letreiros em embarcações como preparação dos pescadores para a festa da Buscada. O que proporcionou um maior entendimento sobre a importância cultural e a força de resistência que esses pintores, embarcações e letreiros representam.

*Próximas páginas:
Imagens de Dilza registradas
na praia da Vila Eldourado,
Fotografias de Ytallo Barreto.*





4.2 As Buscadas

Além do verão que movimenta a Ilha todos os anos, em Itamaracá o mês de Janeiro é marcado pelo fervor da tradicional e mais famosa festa da Buscada de Nossa Senhora do Pilar. Geralmente no fim de janeiro, a festa acontece em comemoração ao dia de Nossa Senhora do Pilar, a tradição se estende por 235 anos, reunindo a população, pescadores e turistas em uma festa que se inicia no mar e toma as ruas da Ilha. O mês de Janeiro se torna o período de preparação para essa grande festa. Para os pescadores, é o momento em que as embarcações são retiradas da água para limpeza, reparos, pintura e renovação do letreiro.

A buscada reúne inúmeras embarcações por toda a praia, parte delas segue a tradição de dar a volta na Ilha até chegar ao ponto de encontro onde a imagem de Nossa Senhora do Pilar, que é levada em cortejo uma semana antes da festa, de sua sede na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, localizada no bairro do Pilar, para a Capela de São Paulo, no bairro do Forte Orange, é transportada em uma procissão marítima saindo da Capela de São Paulo até a praia do Pilar, onde é levada em cortejo até seu local de origem.

Além dessa tradicional festa, que é a mais antiga da região, há também outras buscadas no calendário festivo. Antecedendo a festa na Ilha, no início de janeiro acontece em Itapissuma a Buscada de São Gonçalo do Amarante, celebrado no dia 10 de janeiro, a buscada, que acontece há 161 anos, é realizada sempre no domingo mais próximo a data de celebração. Na comemoração, uma imagem de São

Gonçalo do Amarante é levada, dias antes da festa, em cortejo terrestre da Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante em Itapissuma, para a Capela de São Paulo, na Ilha de Itamaracá, e buscada em cortejo marítimo para seu local de origem, onde a festa segue nas ruas do município.

No domingo de Ramos acontece a Buscada do Bom Jesus dos Passos, padroeiro do bairro de Jaguaribe, a festa em sua homenagem acontece há mais de 100 anos e segue a tradição das outras buscas. A imagem do santo é levada através de um cortejo terrestre e retorna para sua sede, em Jaguaribe, através de um cortejo marítimo.

Outras buscas são realizadas no decorrer do ano, como por exemplo a Busca de São Pedro, padroeiro dos pescadores, mas não foi possível, no período de realização da pesquisa, obter informações suficientes sobre as mesmas. Contudo, foi possível acompanhar duas das buscas citadas, a Buscada de São Gonçalo do Amarante, em Itapissuma, que ocorreu em 15 de janeiro deste ano, e a Buscada de Nossa Senhora do Pilar, que ocorreu no dia 04 de fevereiro.

É a partir das buscas que vem a motivação para os pescadores pintar e retocar os seus barcos e letreiros. As embarcações tornam-se, então, guardiãs das tradições antigas desse território.

MAPA DE PERCURSO - BUSCADA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE,

*desenhos de mapas adaptados
a partir do google maps*



Saída - Capela de São Paulo



Chegada - Igreja Matriz de
São Gonçalo do Amarante



Ilha de Itamaracá



Área onde está localizada
a cidade de Itapissuma



Ponte Getúlio Vargas



MAPA DE PERCURSO - BUSCADA DE NOSSA SENHORA DO PILAR

 Saída - Capela de São Paulo

 Chegada - Igreja Matriz de
Nossa Senhora do Pilar

 Ilha de Itamaracá



BUSCADA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE
Itapissuma/PE
15 de janeiro de 2023.



BUSCADA DE NOSSA SENHORA DO PILAR
Ilha de Itamaracá/PE
04 de fevereiro de 2023.



4.3 As Embarcações, Letras e Langanhos



8: Armadilha montada com redes e pedaços de madeiras fixados ao fundo do mar, formando uma espécie de labirinto para os peixes, que ficam presos até serem retirados pelos pescadores.

Basta uma caminhada pela praia e logo se avistam pequenos portos, geralmente divididos por bairros, nesses portos é possível encontrar embarcações dentro e fora da água. Vinculadas à Colônia Z11, as embarcações são usadas tanto para a atividade de pesca quanto para passeios e se dividem em 4 tipos:

Jangada: com formas levemente curvas, seu uso era, até pouco tempo atrás, direcionado para a pesca dentro dos currais⁸, o que vem mudando nos últimos tempos com o surgimento de embarcações mais curvas, capazes de chegar até o alto mar.

Baiteira: similar ao formato de uma canoa, seu principal uso é a pesca nos currais, por ser uma embarcação de pequeno porte, geralmente não é utilizada para pesca em alto mar.

Barco: embarcação maior destinada à pesca em grandes quantidades, parte de sua estrutura é destinada ao armazenamento de peixes. Por ser uma embarcação de maior porte, possibilita que os pescadores passem mais tempo em alto mar, podendo estender o período de pesca por até sete dias.

Catraia ou Burrinha: de tamanho pequeno e formas retas, normalmente é utilizada como transporte para se chegar até a embarcação maior e como suporte para carregar o material necessário para os dias de pesca.

 baiteira



 barco



 jangada



 catraia/
burrinha



A jangada é a embarcação mais popular da Ilha, nas praias é comum encontrá-las fora da água, o que possibilita ver de perto os nomes que carregam. Já na água, junto aos barcos e baiteiras pairam sobre o balançar das ondas, tornando a aproximação possível apenas em horários de maré baixa.

O estilo do letreiramento varia de porto para porto, mas não sofre grandes mudanças. Nas embarcações maiores, em sua maioria, os letreiros são feitos por pintores profissionais, mas também se encontram letreiros feitos por pintores amadores ou pelos próprios pescadores. Os barcos maiores possuem letreiros em caracteres grandes e pesados, geralmente na cor preta e para garantir legibilidade e visibilidade, as letras devem possuir altura mínima de 10cm. Nas jangadas e baiteiras, o estilo de letreiramento possui mais variações.

Nas praias podemos encontrar diversos tipos de letras, entre letras de forma, grotescas, condensadas, com serifa, decoradas ou manuscritas, entretanto, um dos tipos que mais chamam atenção são as letras balanceadas, desenhadas por Tuca. Tuca começou a usar esse tipo de letra alguns anos atrás, mas logo as águas da ilha foram tomadas por outras versões de suas letras balanceadas.

Acompanhado do nome, a sigla da colônia, CZ11, está presente em todas as embarcações e funciona como um código para definir sua zona de origem.

Algumas embarcações também possuem langanhos, um tipo de desenho que acompanha o nome das embarcações. Tuca afirmou, durante entrevista, que foi o responsável por incluir os langanhos na estética dos barcos da Ilha. Os langanhos logo popularizaram-se e passaram a ser feitos por outros pintores. Na entrevista com Preguinho, o mesmo relatou que durante o tempo em que trabalhou como pintor, não havia tais elementos nas embarcações, reiterando que os mesmos foram aderidos após Tuca começar a pintá-los.

No caso dos barcos, o langanho é feito em sua ponta, já nas jangadas é posto em suas quatro quinas. Um desenho às vezes com formas curvas, às vezes com formas retas, mas quase sempre com um círculo vazado no centro. Não existe um padrão para esses desenhos, sua função é decorativa.

Já as catraias/burrinhas, carregam letreiros feitos sem tanta técnica, geralmente em caixa alta, ou misturando maiúsculas e minúsculas. As embarcações maiores frequentemente levam nomes de familiares, figuras religiosas, aves e peixes. Enquanto nas pequenas catraias, o humor tende a fazer parte dos nomes escolhidos.

Exemplos de langanhos.
Fotografias da autora.



*Exemplos de uso da sigla CZ11 na
embarcações.
Fotografias da autora.*



5. Construindo o livro

Como dito antes, a construção do livro perpassou diversos caminhos. Entre entender o que seria contato, que abordagem utilizar, que formato, divisão de capítulos, tipografias e imagens iriam compor essa história, a etapa de escrever foi a mais desafiadora. Desde o início decidi que esse seria um livro predominantemente imagético, que pudesse ser um mergulho visual no universo da ilha e nos tantos detalhes coloridos que se espalham pelas praias, independente do leitor conhecer ou não conhecer Itamaracá, ou de se interessar ou não por tipografia.

A estrutura do livro foi pensada e repensada nas orientações com Solange, e ao final, decidimos que o livro se dividiria em quatro capítulos: Z11, Um Mergulho nas Buscadas, Conversa com Pintores Letristas e As Águas, Letras e Langanhos. As etapas de desenvolvimento do livro aconteceram simultaneamente. Entre pesquisa, catalogação do acervo já existente, registro de novos materiais, transcrição de entrevistas, curadoria de imagens e pesquisa de referências gráficas, percebi o quanto seria difícil conseguir sintetizar tudo isso em um curto período de tempo.

Entretanto, durante as orientações com a Professora Solange Coutinho, que há mais de um ano me acompanha, foi possível entender e desenhar melhor o artefato que eu gostaria de fazer, ao mesmo tempo em que pude me conectar ainda mais com a história que queria mostrar.

A literatura que serviu como referência para o desenvolvimento do projeto gráfico incluiu *Elementos do Estilo Tipográfico* de Robert Bringhurst e *Pensar com Tipos* de Ellen Lupton. Ambos livros auxiliaram nas decisões tomadas a cerca de diagramação, margens, grid e tipografia.

Como referência visual, cito os livros *Abridores de Letras de Pernambuco: um Mapeamento da Gráfica Popular* de Fátima Finizola, Solange Coutinho e Damião Santana; *Letras Que Flutuam*, de Fernanda Martins e *Teoria do Design Gráfico* de Ellen Armstrong, além de diversas pesquisas realizadas em plataformas como Behance e Pinterest.



Pensar com Tipos
de Ellen Lupton



Abridores de Letras de Pernambuco: um Mapeamento da Gráfica Popular de Fátima Finizola, Solange Coutinho e Damião Santana



Letras Que Flutuam,
de Fernanda Martins



Teoria do Design Gráfico de Ellen Armstrong



Elementos do Estilo Tipográfico de Robert Bringhurst

5.1 O Projeto Gráfico

Ao começar a diagramar o projeto e tomar as primeiras decisões, optei por usar um formato de 23x21cm, que pudesse proporcionar mais horizontalidade no uso das imagens, com uma diagramação pensada para ter margens largas e possibilitar espaço branco nas páginas de texto. Assim, a mancha gráfica foi construída com base em duas colunas de texto e uma coluna menor para notas. O grid seguiu 5 colunas, buscando ter mais possibilidades para os encaixes. Fazendo um contraponto a esta escolha, as várias imagens que compõem o livro sangram de suas páginas, por vezes ocupando as duas faces.



Exemplo de grid aplicado.

Sobre a tipografia, desde o início desejei que o livro fosse composto por tipografias brasileiras, por se tratar de uma pesquisa sobre tipografia em um contexto cultural, seria o caminho mais coerente. Buscava por uma fonte variável, de desenho simples, sem serifa e que não remetesse, imediatamente, a um estilo vernacular. Como a ideia era trazer o máximo de elementos das embarcações e letras através das fotografias, decidi utilizar uma fonte que não disputasse a atenção com o conteúdo mostrado. Assim, iniciei uma pesquisa para achar essa tipografia, contudo, tive dificuldade em encontrar fontes brasileiras de uso livre que encaixavam no que estava buscando.

Com a colaboração da coorientadora, Luciana Calheiros, algumas fontes foram sugeridas. Dessa forma, as famílias tipográficas escolhidas para compor o livro foram *Bricolage Grotesque*, desenhada por Jérémy Landes (Studio Triple - Berlin), uma fonte sem serifa, que combina designers britânicos e franceses com tendências e ferramentas modernas, utilizada para o texto. *Bitter*, desenhada pela designer argentina Sol Matas, uma fonte serifada contemporânea, utilizada em itálico para citações, e *Montserrat*, desenhada por Julieta Ulanovsky e inspirada pelos antigos cartazes e letreiros do tradicional bairro de Montserrat, em Buenos Aires, é utilizada em caixa alta, em extra bold, para os títulos dos capítulos. Todas as fontes citadas estão disponíveis para download através do *Google Fonts*.



Bricolage Grotesque



Bitter



Montserrat

5.2 Conceito Editorial

Desde o início, sempre que pensava no conceito editorial do livro, sabia que seria focado no universo estético das letras, cores e texturas. Com muitas imagens que ilustrassem o território e suas peculiaridades. Dessa forma, as imagens produzidas, desde 2020, foram o guia para alcançar a imersão visual que eu buscava.

Um grande parceiro deste projeto é Ytallo Barreto, fotógrafo itamaracaense, que há mais de uma década acompanha e registra Lia de Itamaracá, e desenvolve trabalhos de foto-pesquisa voltados para a cultura e o imaginário do universo da ilha. Desde o começo da pesquisa, em 2020, Ytallo é responsável por boa parte dos registros realizados, sempre integrando em sua estética um olhar carinhoso.

O processo de curadoria das imagens foi extenso e um pouco complicado, dado o volume de material produzido. Ao total, foram feitos cerca de 2.000 registros fotográficos, desde 2020, da Ilha e seu entorno. Assim, a curadoria foi sendo feita durante um longo período, onde cerca de 600 imagens foram selecionadas e categorizadas, passando por uma segunda curadoria para selecionar o que entraria de fato no livro, para, então, iniciar a fase de edição e tratamento de imagem.

Dessa forma, a imagem foi o ponto de partida. O livro é perpassado e dividido por texturas. Madeiras do piso de embarcações, camadas de tintas sobrepostas, pregos e talhas. Formas sem contorno que se misturam e deixam os olhos perder-se. Os detalhes ampliados em páginas duplas tornam-se grandes. No início e fim de cada capítulo, uma textura se apresenta. E a partir daí se desvenda a ilha e suas cores em imagens amplas.

A paleta de cores reflete as embarcações, coloridas e vibrantes. Em algumas páginas, preenchem todo o fundo e dialogam com as imagens que ocupam aquele espaço. Na abertura dos capítulos, colore a tipografia em caixa alta com o título. Os langanhos também estão presentes na abertura de cada capítulo, com diferentes formatos, os langanhos foram sintetizados e utilizados como repertório visual.

No primeiro capítulo, *Z11*, o conceito editorial é de contextualizar o território Ilha. Buscando mostrar o local que está sendo abordado e suas principais características, que contribuem para um entendimento maior da pesquisa. Neste capítulo entraram fotos de cenários da ilha, suas praias com barcos repousando nas areias e pairando nas águas, seus portos e suas caiçaras. A Colônia Z11 também é mostrada, entre alguns pescados e fachadas de peixarias. As imagens também mostram atualizações feitas na pintura do prédio da colônia entre 2021 e 2022.

No segundo capítulo, *Um Mergulho nas Buscadas*, o conceito escolhido é transpassar para as páginas o fervor das festas. Dividido em duas partes, o primeiro momento mostra a Buscada de São Gonçalo do Amarante, em Itapissuma, no Canal de Santa Cruz. Através das imagens podemos ver os barcos chegando, carregados de famílias e amigos que aguardam a chegada do santo, que logo culmina em festa.

Na segunda parte, podemos ver a Buscada de Nossa Senhora do Pilar, na Ilha de Itamaracá. Essa é a maior festa de Buscada da região, juntando inúmeras pessoas nas praias e nas ruas da Ilha. Embarcações de todos os tipos, tamanhos e lugares navegam em procissão, resultando em um alvoroço que contagia todos.

No terceiro capítulo, *Conversa com Pintores Letristas*, também dividido em duas partes, somos apresentados a Tuca e Dilza através de imagens que nos contam uma história. Cada parte inicia com uma foto do artista em frente ao barco que acabou de pintar, partindo para detalhes e imagens gerais da pintura sendo feita.

No quarto capítulo, *As Águas, Letras e Langanhos*, as imagens selecionadas são mais próximas, mostrando a diversidade de cores, letras e estilos. Como fechamento do livro, a escolha foi de mostrar um panorama do que foi registrado durante a pesquisa, dessa forma, podemos ver diferentes

letreiros de barcos, de localização e estilos de langanhos, os mais antigos com formas mais orgânicas e os novos com ângulos mais retos e formas geométricas.

Como forma de sintetizar toda a diversidade encontrada, o capítulo se encerra com um alfabeto de A a Z, formado por diferentes letras recortadas, misturadas e coloridas em uma espécie de confusão ordenada.

6. O Livro Letras da Ilha - tipos e langanhos de Itamaracá

*Mockups feitos para
melhor visualização
do projeto.*







Reparação e pintura de
barcos. Praia da Vila
Eduarda, fevereiro de
2009.





















ITAMARACA

7. Considerações finais

Chegar ao final desse projeto foi, com toda certeza, uma aventura. Quando iniciei essa pesquisa, três anos atrás, não podia imaginar todos os desdobramentos que isso teria.

Me sinto feliz por ter tido o privilégio de mergulhar nas águas e histórias da ilha, e por ter me deparado com tantas peculiaridades dessa região, importantes para a pesquisa, como o uso de *languinhos* e as letras *balanceadas*.

Um dos objetivos, para além da ampliação da pesquisa e desenvolvimento do livro, é a impressão do mesmo. Assim, com o intuito de viabilizar a impressão e distribuição, um projeto foi escrito no início deste ano para o Edital Geral do Funcultura 2022/2023, em parceria com Solange Coutinho e Ytallo Barreto.

O livro *Letras da Ilha* é um pequeno recorte de toda a riqueza cultural presente na Ilha de Itamaracá. A sua construção foi coletiva, entre todas as pessoas que contribuíram e compartilharam com histórias, ensinamentos, palavras de apoio e inspirações. Apesar dos vários desafios ao longo do caminho, o processo de pesquisa e desenvolvimento me ensinaram bastante. Vejo esse projeto como uma forma de celebrar a cultura e tradição da ilha e espero que, a partir disso, essa pesquisa e esse tema possa reverberar em outros caminhos.

Referências

FINIZOLA, Fátima. Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares. São Paulo, Blucher, 2010.

DONES, Vera. As apropriações do vernacular pela comunicação gráfica. NP 017 - Folkcomunicação, 2004.

MARTINS, Fernanda. Letras Que Flutuam - COAN, 2021.

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo tipográfico (versão 4.0). Tradução de André Stolarski. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LUPTON, E. Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes. Tradução de André Stolarski. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HERSZENHUT, Debora. Currais da Ilha: um dossiê participativo sobre a pesca tradicional em Itamaracá. Olinda, 2017.

OLIVEIRA, Roseline. Vila Velha de Itamaracá (PE): imagens, percursos e memórias. UFBA, 2003.

Apêndice 1

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS:

Parte 1 • Identificação

- 1.1 Nome;
- 1.2 Idade;
- 1.3 Endereço atual (cidade);
- 1.4 Local de nascimento ;
- 1.5 Telefone para contato.

Parte 2 • Histórico Pessoal / Processo de Formação

- 2.1 Como iniciou no ofício?
- 2.2 Há quantos anos trabalha como pintor letrista?
- 2.3 Quando começou a abrir letreiros em barcos?
- 2.4 Com quem ou como aprendeu a fazer letreiros?
- 2.5 Fez algum curso na área?
- 2.6 Qual o nome que você dá para o seu ofício?

Parte 3 • Processo criativo/Prática Profissional

- 3.1 Quais são os estilos de letras que você desenha?
(dar nomes aos estilos)
- 3.2 Onde aprendeu a fazer estes estilos?
- 3.3 Qual o tipo de letra que você mais gosta de desenhar?
- 3.4 Você utiliza algum modelo como base?
- 3.5 Quais as ferramentas de trabalho?
- 3.6 Quais os principais suportes em que o senhor pinta?
- 3.7 Qual o passo a passo para pintar um barco?
- 3.8 Como se dá a relação com os pescadores?
- 3.9 Qual o período entre as renovações de pintura dos barcos?
- 3.10 Quantos barcos em média o senhor pinta por ano?

- 3.11 Como é escolhido o tipo de letra para o barco?
- 3.12 Como são escolhidas as cores?
- 3.13 Quantos outros pintores de letras você conhece em Itamaracá?
- 3.14 Você ensinou/ensina o seu ofício para alguém?
- 3.15 Em que período do ano há mais demanda para pintura de barcos?
- 3.14 Como as festas das buscadas influenciam no processo de pintura/renovação dos letreiros?

Parte 4 • Langanhos

- 4.1 Você faz *langanhos*?
- 4.2 Como você chama esse tipo de desenho?
- 4.3 Quais as referências que você usa para fazer os langanhos?
- 4.4 Existe algum padrão para esses desenhos?



CZ-11

ILHA DE ITAMBA

ARACÁ-PE

BRASIL



